

## Conhecimento das mães sobre as vacinas administradas aos menores de um ano

Knowledge of mothers on vaccines given to minors of a year

Conocimiento de las madres sobre las vacunas administradas a los menores de un año

Juliana Sousa Soares<sup>1</sup>, Ellen Soares Ferreira da Silva<sup>1</sup>, Wélida Régia Messias Sousa<sup>1</sup>, Laura Rosa de Sousa Araújo<sup>1</sup>, Teresinha de Jesus Alencar Barbosa<sup>1</sup>, Lexlanna Aryela Loureiro Barros<sup>2</sup>, Sufia de Jesus Costa<sup>3</sup>, Isla Rafaela Alcântara Silva<sup>3</sup>, Edilson dos Reis Calaço<sup>3</sup>, Marcelle Moreira Pontes<sup>3</sup>, Maria Zelândia Gomes da Silva<sup>3</sup>, Antonio Hythalo de Sousa Rocha<sup>4</sup>, Ivanêz Parente Elvas Piauilino Andrade<sup>5</sup>, Evaldo Hipólito de Oliveira<sup>6\*</sup>, Raimundo Nonato Cardoso Miranda Júnior<sup>1</sup>.

---

### RESUMO

**Objetivo:** Analisar o conhecimento das mães estudantes regularmente matriculadas no Centro Universitário Santo Agostinho sobre as vacinas para crianças menores de um ano. **Métodos:** Foi realizada uma pesquisa de campo do tipo quantitativa, com enfoque nas mães matriculadas no Centro Universitário Santo Agostinho localizado no município de Teresina- PI, através de questionário. **Resultados** Os dados mostraram que 76% das mães têm conhecimentos sobre as vacinas administradas aos menores de um ano. **Conclusão:** Esse trabalho contribuiu como alerta da importância da vacinação infantil, visto que, a vacinação vem sendo responsável em parte pelo aumento da expectativa de vida e a diminuição da mortalidade infantil, e também quanto à orientação do profissional de saúde.

**Palavras-chave:** Vacina, Crianças, Reações vacinais.

---

### ABSTRACT

**Objective:** This paper aims to analyze the student mothers' knowledge who are regularly enrolled at the Centro Universitário Santo Agostinho, about vaccines for children under one year old. **Methods:** A quantitative research was carried out with focus on mothers who are enrolled at the Centro Universitário Santo Agostinho in Teresina - Pi, it was carried out through a questionnaire. **Results:** Data showed that 76% of the mothers have knowledge about children's vaccination under one year old. **Conclusion:** This work contributed as an alert to the importance of childhood vaccination, since vaccination has been partly responsible for the life expectancy increasing and the reduction of infant mortality, as well as health professional's guidance.

**Keywords:** Vaccine, Children, Vaccine reactions.

---

### RESUMEN

**Objetivo:** El objetivo de este estudio fue analizar el conocimiento de las madres estudiantes de la reglamentación matriculada en el Centro Universitario San Agustín sobre las vacunas para niños menores de un año. **Métodos:** Se realizó una investigación de campo del tipo cuantitativa, con enfoque en las madres matriculadas en el Centro Universitario San Agustín ubicado en el municipio de Teresina-PI, a través de un

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA), Teresina - Piauí.

<sup>2</sup> Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU), Teresina - Piauí.

<sup>3</sup> Associação de Ensino Superior do Piauí (AESPI), Teresina - Piauí.

<sup>4</sup> Faculdade Facid Wyden, Teresina - Piauí.

<sup>5</sup> Faculdade de Ensino Superior de Floriano (FAESF), Floriano - Piauí.

<sup>6</sup> Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina - PI. \*E-mail: [evaldohipolito@gmail.com](mailto:evaldohipolito@gmail.com)

cuestionario. **Resultados:** Los datos mostraron que el 76% de las madres tienen conocimientos sobre las vacunas administradas a los menores de un año. **Conclusión:** Este trabajo contribuyó como alerta de la importancia de la vacunación infantil, ya que la vacunación viene siendo responsable en parte por el aumento de la expectativa de vida y la disminución de la mortalidad infantil, y también cuando la orientación del profesional de la salud.

**Palabras clave:** Vacuna, Niños, Reacciones vacunales.

---

## INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo rodeados por uma imensa quantidade de agentes infecciosos, sob a forma de vírus, bactérias, protozoários que estão presentes na natureza ou produzidas pelo homem, e o sistema imunológico do corpo humano é quem nos protege desses agentes, e o mesmo é dividido em dois tipos: a imunidade inata e a imunidade adquirida (CRUVINEL WM, et al., 2010).

A imunidade inata representa uma resposta rápida, é representada por barreiras físicas, químicas e biológicas, células especializadas e moléculas solúveis, presentes em todos os indivíduos, independentemente de contato prévio com agentes agressores. Já a resposta imune adaptativa depende da ativação de células especializadas e uma das formas de ativar essas células é a vacina. As vacinas são produtos biológicos que protegem as pessoas de determinadas doenças. É composta por agentes patógenos gerando uma memória imunológica, a qual é traduzida por uma proteção de longa duração (CRUVINEL WM, et al., 2010).

As vacinas estão entre as principais conquistas da humanidade. Edward Jenner, médico inglês, foi o primeiro a publicar um trabalho sobre vacinação por volta de 1798, ao analisar camponeses que desenvolviam uma condição “a vaccinia” após contato com vacas infectadas pela varíola bovina. A partir daí, desenvolveu as primeiras técnicas de imunização (CREPE CA, 2009).

A vacinação é um recurso preventivo de extrema importância a toda população do mundo, que confere além da proteção individual contra sérias doenças, a proteção a comunidade, reduzindo a circulação de agentes infecciosos. A vacina para crianças é fundamental, uma vez que estes indivíduos se encontram, do ponto de vista imunológico, mais susceptíveis às doenças, e é imprescindível que sejam vacinadas durante seus primeiros cinco anos de vida para prevenir a ocorrência de várias doenças, como a difteria, tétano, coqueluche, meningite, poliomielite, hepatite B, tuberculose, diarreia por rotavírus, febre amarela, sarampo, caxumba e rubéola (SOUSA CJ, et al., 2012).

Propondo-se a controlar e erradicar doenças a partir da vacinação em massa de crianças, o Ministério da Saúde desenvolve programas de imunização como, por exemplo, o PNI (Programa Nacional de Imunização) que foi institucionalizado em 1973 buscando coordenar as ações de imunização desenvolvidas na rede de serviços brasileiros (VINISH V, 2016). Através desses programas inclui-se estratégias de ações preventivas que incentivam a vacinação através de campanhas periódicas de vacinação principalmente com o auxílio das mídias sociais, incentivando a busca ativa dos pais ou responsáveis para a vacinação de rotina. (OLIVEIRA VG, et al., 2010).

Apesar das vacinas serem fornecidas e incentivadas pelo Ministério da Saúde, ainda existem crianças não imunizadas corretamente por vários fatores como: superstições, mitos e credos religiosos, causas relacionadas a crenças e o mais importante deles, o nível cultural e econômico dos cuidadores, em especial as mães (SOUSA CJ, et al., 2012). As mães são peças indispensáveis no processo de cobertura vacinal de suas crianças, e o entendimento dessa prática de saúde necessita ser passado com êxito pela equipe de saúde para mantê-las bem informada sobre as vacinas explicando que a vacinação constitui uma das mais favoráveis medidas para manter o bem-estar da criança (FIGUEIREDO GLA, et al., 2011).

As decisões sobre a imunização na infância não são fáceis para as mães e depende da sua iniciativa realizar tal função. Muitas vezes elas são resistentes e ficam ansiosas a respeito da segurança das vacinas. Já por outro lado muitas delas têm uma avaliação positiva dos benefícios que a imunização proporciona ao

filho mas ficam preocupadas em submeter suas crianças a procedimentos dolorosos, e é nessa etapa que entram os profissionais de saúde, onde eles devem fornecer as informações atualizadas do quanto importante é essa administração, que se trata da prevenção de doenças, desmistificar todo esse anseio que elas sentem e que incentivem as mesmas a realizar a vacinação não deixando atrasar nenhuma delas, mantendo o calendário vacinal atualizado (FIGUEIREDO GLA, et al., 2011).

Quanto mais a mãe estiver associada ao cuidado da criança, com relação a vacinação, mais sucesso a imunização terá, contribuindo para o processo de crescimento e desenvolvimento do indivíduo ampliando a sua saúde (FIGUEIREDO GLA, et al., 2011).

Diante do exposto, o objetivo desse estudo foi analisar o conhecimento das mães estudantes regularmente matriculadas no Centro Universitário Santo Agostinho sobre as vacinas para crianças menores de um ano.

## MÉTODOS

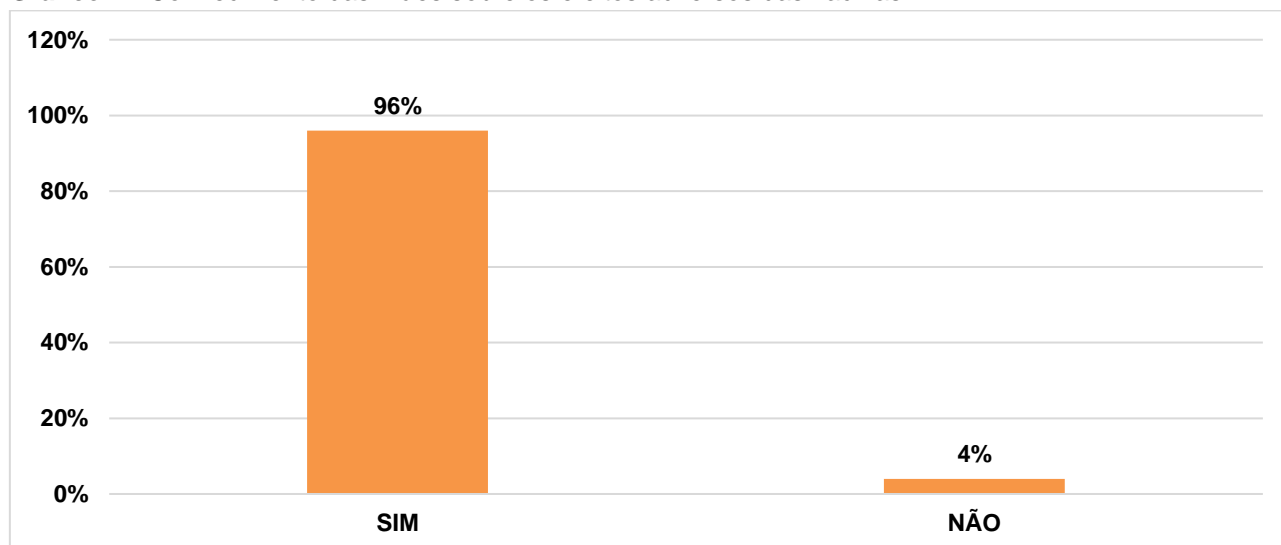
Foi realizada uma pesquisa de campo do tipo quantitativa. A pesquisa de campo foi realizada com enfoque nas mães matriculadas no Centro Universitário Santo Agostinho localizado no município de Teresina- PI por amostra de convivência. Os dados da pesquisa foram coletados através de um questionário, onde as respostas eram de escala de avaliação, para as mães de crianças menores que um ano. O programa utilizado para análise da pesquisa foi Microsoft Office Excel 2018.

Por se tratar de pesquisa com humanos, esse projeto foi desenvolvido respeitando os aspectos éticos presentes na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. O estudo só se iniciou após a aprovação do Centro Universitário Santo Agostinho onde a pesquisa será realizada, por meio do termo de aprovação para coleta de dados. Para que esta pesquisa acontecesse, ela foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP 64019625) do Centro Universitário Santo Agostinho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram organizados em gráficos dispondo características e conhecimentos das mães sobre as vacinas administradas aos menores de um ano. No **gráfico 1** os dados revelam que a maioria das mães entrevistadas sabiam que o seu filho poderia sofrer efeitos adversos pós-Vacinação (96%) e apenas 4% não sabiam.

**Gráfico 1** - Conhecimento das mães sobre os efeitos adversos das vacinas.



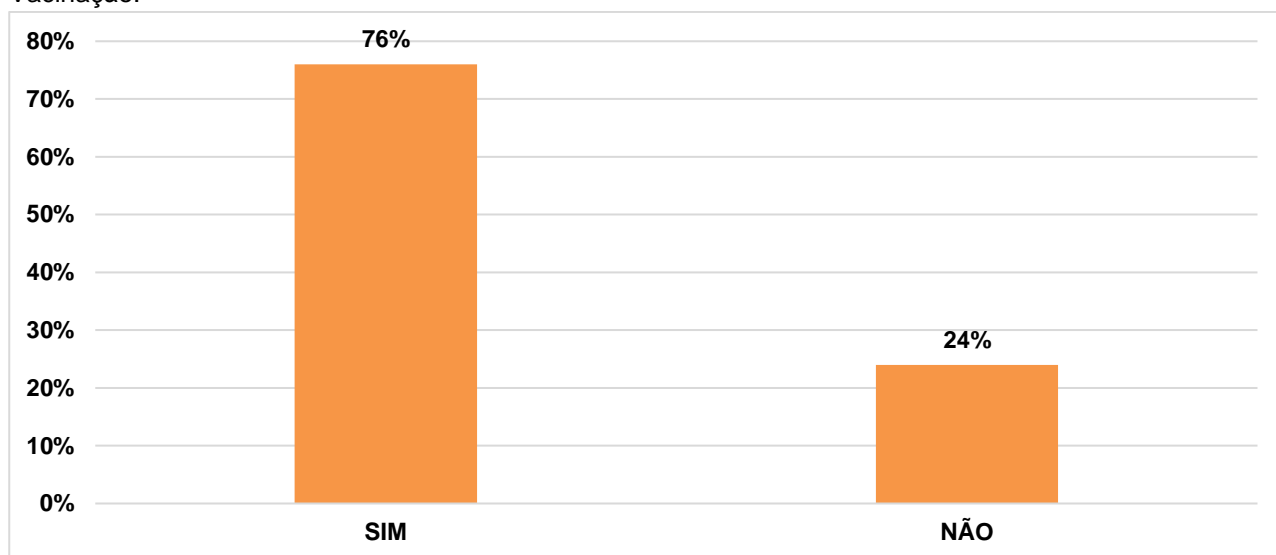
Fonte: Soares JS, et al., 2019.

Algumas das reações às vacinas são dor e vermelhidão no local da aplicação, fadiga, febre, dentre outras dependentes do tipo de vacina e organismo. Em um estudo que avalia a não aderência a vacinação em crianças pelas mães, podem estar relacionados ao pouco conhecimento sobre os efeitos benéficos ao organismo e sobre como lidar com os efeitos adversos (LUNA EJA, et al., 2009).

Vários outros fatores também podem interferir na não aderência pelas mães a vacinação, pois muitas delas possuem medo da dor provocada pela administração, outras tem medo que o filho adoça, outras mães desconfiam da eficácia da vacina. A falta de acesso também pode influenciar, já que elas vivem em comunidades difíceis de alcançar os postos de vacinação, a falta de escolaridade, crenças religiosas e imaturidade por serem mães tão jovens (OLIVEIRA VG, et al., 2010).

No **Gráfico 2** perguntou-se se elas receberam de algum profissional de saúde alguma orientação quanto aos efeitos adversos Pós-Vacinação, e 76% delas disseram que sim e 24% disseram que não, o que demonstra acesso ao profissional de saúde da maioria das mães.

**Gráfico 2** - Porcentagem de mães orientadas pelo profissional de saúde quanto aos efeitos adversos Pós-Vacinação.



**Fonte:** Soares JS, et al., 2019.

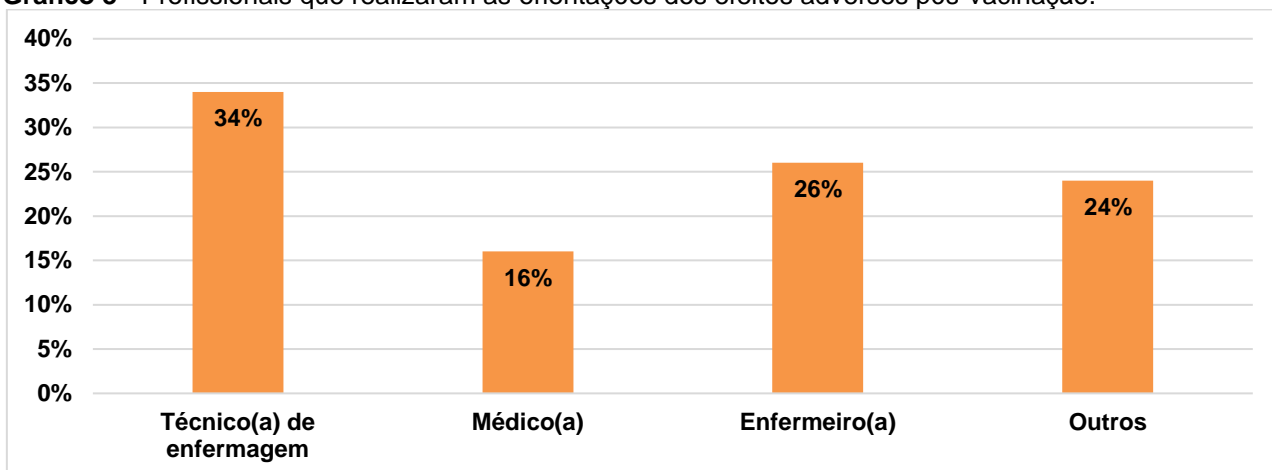
No **Gráfico 3** quando perguntando de qual profissional ela recebeu orientação quanto aos efeitos adversos pós-vacinação os dados apontam que o(a) técnico(a) de enfermagem foi o profissional que mais esclareceu dúvidas a respeito do assunto (34%).

Além das campanhas de vacinação, outro auxílio importante para mães são os profissionais de saúde envolvidos nas questões de vacinação. Esses profissionais são indispensáveis já que eles também podem incentivar a participação ativa das mães no processo de imunização dos seus filhos. E ainda, cabe a eles ficarem atentos e identificar as maiores dificuldades que as mães sentem ao vacinar as suas crianças (ANDRADE DRS, et al., 2014).

Os profissionais de saúde são as pessoas que tem o maior contato com as mães durante a vacinação, então é fundamental que ele transmita as informações referentes a prevenção de doenças, contribuindo para que as mães percebam o valor da vacinação (OLIVEIRA VG, et al., 2010). Realizar palestras em comunidades, escolas, faculdades e nas empresas, poderão também colaborar para o entendimento da relevância da vacina. (ANDRADE DRS, et al., 2014).

É importante ressaltar que é necessário que o local da vacinação seja sempre composto por uma equipe de saúde especializada no assunto para transmitir as informações necessárias e tirar qualquer dúvida das mães que se dirigem a esses locais (CHRIS-OTUBOR GO, et al., 2015).

**Gráfico 3** - Profissionais que realizaram as orientações dos efeitos adversos pós-vacinação.



Fonte: Soares JS, et al., 2019.

No **Gráfico 4** mostra que 76% das mães sabem quais as vacinas devem ser aplicadas ao seu filho no primeiro ano de idade. O Calendário de Vacinação Básico brasileiro é aquele definido pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI) e corresponde ao conjunto de vacinas consideradas de interesse prioritário à saúde pública do país. Atualmente é constituído por 12 produtos que começam a serem administrados desde o nascimento e são distribuídos gratuitamente nos postos de vacinação da rede pública (SBIM, 2017).

**Gráfico 4** - Conhecimento das mães sobre os tipos de vacinas que devem ser aplicadas em seus filhos no primeiro ano de idade.



Fonte: Soares JS, et al., 2019.

Algumas das vacinas presentes no calendário vacinal são: BCG, Hepatite B, Tríplice bacteriana, *Haemophilus influenzae*, Poliomielite, Rotavírus, pneumocócica conjugada, Meningocócica B, Influenza (gripe), Febre amarela, Varicela, Tríplice viral, HPV e Dengue (SBIM, 2017).

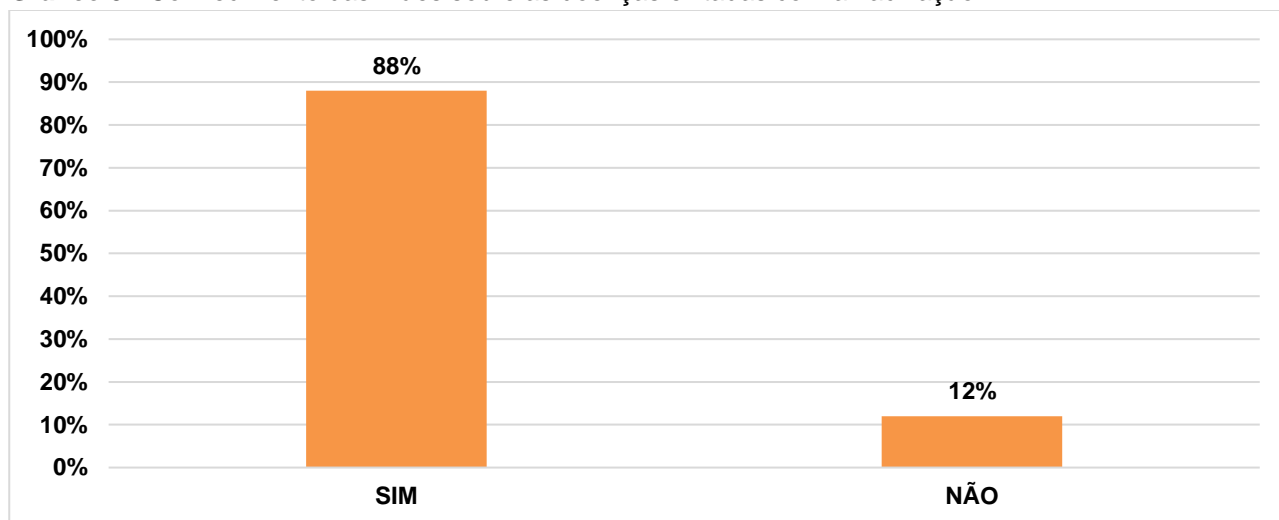
A vacina BCG é composta por uma bactéria viva atenuada feita pelo bacilo de Calmette-Guérin. Todas as crianças devem tomar assim que nascem e a dose é única (VICARI, 2008). É aplicada por injeção intradérmica no braço direito, e se porventura a cicatrização no local de aplicação não aparecer é necessária revacinar após seis meses, ela protege contra as formas graves da tuberculose, e está contraindicada em caso de suspeita de imunodeficiência ou recém-nascidos cuja mãe fiz uso de biológico durante a gestação (BALLALAI I, BRAVO F, 2016).

A vacina tetravalente tem substituído a vacina pentavalente, que deve ser administrada em 3 aplicações com intervalo de 60 dias, imunizando contra coqueluche, hepatite B difteria, tétano, e doenças causadas pela bactéria *Haemophilus influenzae* tipo B.

A Tríplice viral é composta por vírus vivo atenuado, sua aplicação se faz por injeção subcutânea na parte superior do braço, e protege contra o sarampo, a rubéola, a caxumba e varicela. Para a vacinação infantil, a primeira dose desta vacina é aplicada aos 12 meses de idade e aos 15 meses (BRASIL, 2013).

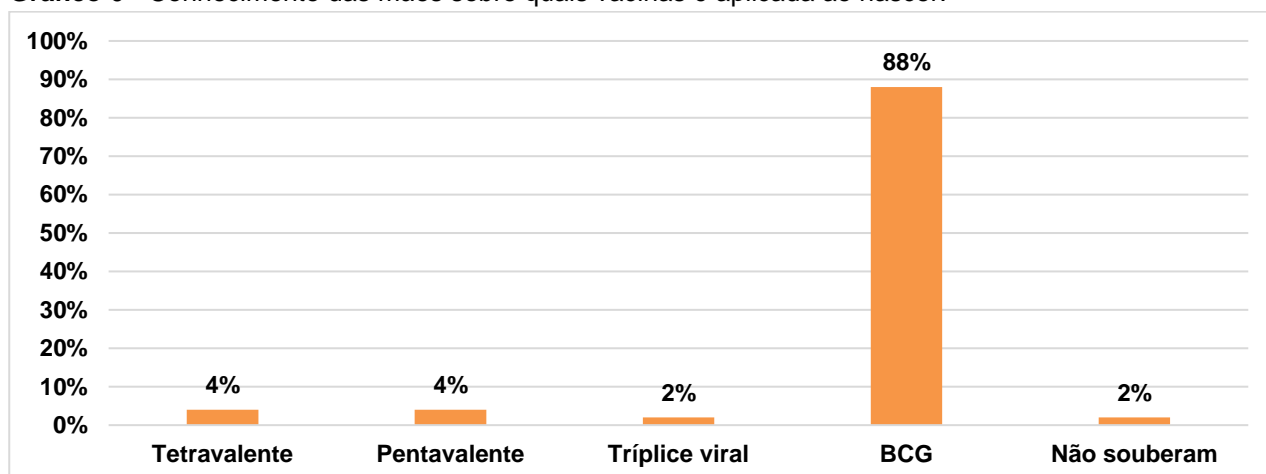
De acordo com o **Gráfico 5**, 88% das mães entrevistadas afirmam conhecer quais as doenças evitadas pelas vacinas. A vacina BCG foi a mais citada (88%) seguida da tetravalente (4%), pentavalente (4%), tríplice viral (2%) e 2 % não souberam qual vacina era aplicada ao nascer (**Gráfico 6**).

**Gráfico 5** - Conhecimento das mães sobre as doenças evitadas com a vacinação.



Fonte: Soares JS, et al., 2019.

**Gráfico 6** - Conhecimento das mães sobre quais vacinas é aplicada ao nascer.



Fonte: Soares JS, et al., 2019.

## CONCLUSÃO

Diante da pesquisa realizada verificou-se que o conhecimento das mães do Centro Universitário Santo Agostinho, é bem significativo quanto a vacinação dos seus filhos no primeiro ano de vida. É preciso ressaltar também que os outros profissionais da saúde, além dos técnicos de enfermagem, precisam se destacar mais e exercer mais comunicação e diálogo com as mães nas salas de vacinação. Esse trabalho contribuiu como alerta da importância da vacinação infantil, visto que, a vacinação vem sendo responsável em parte pelo aumento da expectativa de vida e a diminuição da mortalidade infantil, além disso, da devida atenção profissional quanto às informações referentes à prevenção de doenças, contribuindo para que as mães percebam o valor da vacinação.

## REFERÊNCIAS

1. ANDRADE DRS, LORENZINI E, SILVA EF. Conhecimento de mães sobre o calendário de vacinação e fatores que levam ao atraso vacinal infantil, 2014; 1(19): 94-100.
2. BALLALAI I, BRAVO F. (Org.). Imunização: tudo o que você sempre quis saber. Rio de Janeiro: RMCOM, 2016.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Informe técnico de introdução da vacina tetra viral - Vacina sarampo, caxumba, rubéola e varicela (atenuada), Brasília, 2013.
4. CHRIS-OTUBOR GO, DANGIWA DA, IOR, LD *et al.* Assessment of knowledge, attitudes and practices of mothers in jos north regarding immunization. IOSR Journal Of Pharmacy, 2015; 6(5): 34-45.
5. CREPE CA. Introduzindo a imunologia: vacinas. Apucarana: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2009.
6. CRUVINEL WM, JÚNIOR DM, ARAÚJO JAP *et al.* Fundamentos da imunidade inata com ênfase nos mecanismos moleculares e celulares da resposta inflamatória. Revista Brasileira de Reumatologia, 2010; 4(50): 434-612.
7. FERREIRA CAL. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. Revista Mosaico, 2015; 2(8):173-182.
8. FIGUEIREDO GLA, et al. Experiências de famílias na imunização de crianças brasileiras menores de dois anos. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 2011; 3(19).
9. LUNA EJA, et al. Eficácia e segurança da vacina brasileira contra hepatite B em recém-nascidos. Revista de Saúde Pública, 2009; 6(43): 1014-1020.
10. OLIVEIRA VG, et al. Vacinação: o fazer da enfermagem e o saber das mães e/ou cuidadores. Revista Rene, 2010; número especial (11): 133-141.
11. SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES. Calendário de vacinação SBIM criança. Disponível em: <https://sbim.org.br/images/calendarios/calend-sbim-crianca.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2018 às 15h35min.
12. SOUSA CJ, VIGO ZL, PALMEIRA CS. Compreensão dos pais acerca da importância da vacinação infantil. Revista Enfermagem Contemporânea, 2012; 1(1): 44-58.
13. SOUZA FO, et al. Vacinação contra hepatite B e Anti-HBS entre trabalhadores da saúde. Cadernos Saúde Coletiva, 2015; 2(23): 172-179.
14. VICARI CFS. Eventos adversos pós-vacinação em crianças no estado de Santa Catarina Florianópolis. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Medicina) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
15. VINISH V. Mother's knowledge on immunization schedule of her child: A descriptive Survey. Manipal Journal of Nursing and Health Sciences, 2016; 2(2): 41-45.